

AS MARCAS DA SUBJETIVIDADE: O EU E OS OUTROS NO DISCURSO DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA

Mary Neiva Surdi da Luz¹

RESUMO: Este trabalho discute as marcas de subjetividade em discursos de professores de língua portuguesa com a finalidade de perceber as relações que se estabelecem entre o eu e o outro. O ponto de partida são os conceitos de subjetividade e sujeito para se compreender como o *eu* insere o outro ao falar sobre a sua prática. São apresentadas a noção de subjetividade a partir da Linguística da Enunciação, nas idéias de Benveniste (1989) e as noções de sujeito em Pêcheux (1995) e Orlandi (1988 e 2005), pela Análise de discurso de escola francesa. Esse caminho ajuda a compreender a relação subjetividade/sujeito/discurso. Para constituição do *corpus* para análise foram selecionadas sequências discursivas extraídas de entrevistas semi-estruturadas realizadas com professores de língua portuguesa que atuam na rede pública de ensino em municípios que compõem a Gerência de Educação, Ciência e Tecnologia Chapecó/SC. Essas sequências são marcadas linguisticamente pelo emprego de pronomes que funcionam como marcas de subjetividade e inscrevem os sujeitos e os outros no discurso. Esse exercício de escuta permitiu-nos ver como o sujeito-professor de língua portuguesa é constituído por vários outros. No seu dizer encontram abrigo e dão-lhe força as vozes que vêm dos outros. São outros que compartilham da mesma designação: são professores de língua portuguesa e se manifestam em formas linguísticas: *eu, você, a gente, nós, ele* e por meio delas dão subjetividade ao discurso. Marcam o homem na língua.

Palavras-chave: subjetividade; professor de língua portuguesa, Análise de discurso.

ABSTRACT: *This paper discusses the marks of subjectivity in speeches of teachers of Portuguese Language with the purpose to notice the relations that are established between the Myself and the Others. The starting point is the concepts of subjectivity and the person in action to be able to understand how the Myself insert the Other to the speech on practical basis. There are presented the notion of subjectivity from the Linguistics of the articulation, in the ideas of Benveniste (1989) and slight knowledge of the Others in Pêcheux (1995) and Orlandi (1988 and 2005), with the Analysis of discourse from a French school. This way helps to comprehend the subject relation about subjectivity/person/speech. For constitution of the corpus for an analysis, it was extracted discursive sequences of a few interviews half-structuralized realized with teachers of Portuguese language, who school in cities that compose the*

¹Professora da Universidade Comunitária Regional de Chapecó e Doutoranda em Letras na Universidade Federal de Santa Maria.

*Gerência de Educação, Ciência e Tecnologia - Chapecó/SC. These sequences are marked linguistically by the use of pronouns that function as subjectivity marks and inscribe the *Myself* and the *Others* in the speech. This exercise of listening allowed us to see how the *Myself-teacher* of Portuguese language is constituted by several *Others*. In it *Is* to say they find shelter and they give to it to force the voices that come of the others. They are others that share the same assignment: they are teachers of Portuguese language and they reveal themselves in linguistic forms like: *I, you, people, we, he* and by their means, they give subjectivity to the speech. They mark the man in the language.*

Keywords: *subjectivity; teacher of Portuguese language; Analysis of discourse.*

1 Marcando espaços

Para começar é preciso dizer que falar sobre o ensino de língua portuguesa, sobre a formação e práticas de professores de língua portuguesa, é falar sobre algo que vem me constituindo e construindo minha própria identidade. Depois de dez anos trabalhando no campo da Linguística Aplicada, trabalhando por repetidas vezes, em cursos de formação inicial e de formação continuada, o como trabalhar a língua portuguesa em sala de aula, atrevo-me agora a mudar minha trajetória. E por que faço isso, parece ser uma pergunta que merece ser respondida. Investida pelo poder a mim conferido pela academia, por um bom tempo exerci o papel de quem domina um saber e ocupei o lugar de quem tem o direito de falar. Mas percebo que minhas falas nem sempre encontram eco nos ouvidos dos que me ouvem. Então é preciso mudar os caminhos e rever posições. De dona da palavra, de quem domina o dizer, assumo a posição de ouvinte e me enveredo pelos caminhos da análise de discurso, de escola francesa, para aprender a fazer o exercício da escuta. Percebo que é hora de ouvir o que os professores têm a dizer, para que eu possa compreender quem são esses sujeitos, como eles constituem sua identificação, como se fazem professores e, a partir desse dizer, compreender um pouco sobre a minha própria identidade como formadora e professora de língua portuguesa. Assim parto da idéia exposta em Orlandi (1988) de que se pode falar do outros para falar de si, pode-se falar de si para falar de outros e pode-se falar de si para falar de si. (p. 15)

Para iniciar, neste trabalho discuto as marcas de subjetividade inscritas no falar sobre a prática em sala de aula do sujeito professor de língua portuguesa. Ênfase, sobretudo, o caráter subjetivo dessas marcas, no modo como o sujeito ao enunciar-se conchama o outro no seu dizer.

O trabalho compõe-se de duas partes. Na fundamentação teórica apresento a noção de subjetividade a partir da Linguística da Enunciação, nas idéias de Benveniste (1989) e as noções de sujeito em Pêcheux (1995) e Orlandi (1988 e 2005), pela Análise de discurso de escola francesa. Esse caminho nos ajudará a compreender a relação subjetividade/sujeito/discurso. A parte que segue é dedicada à análise de sequências discursivas marcadas linguisticamente pelo emprego de pronomes que funcionam como marcas de subjetividade e inscrevem os sujeitos e os outros no discurso.

2 O caráter subjetivo da linguagem e o sujeito da análise do discurso

Uma condição necessária para se discorrer sobre a subjetividade na linguagem é primeiramente compreender o que é subjetividade. Para isso, os dicionários, na função de instrumentos linguísticos, podem guiar a busca por essa compreensão.

Segundo o Dicionário Aurélio (on-line²), subjetividade é relativo a subjetivo que é:

1 Relativo a *sujeito*. 2.Existente no *sujeito*. 3.Individual, pessoal; particular:. 4.Passado unicamente no espírito de uma pessoa. 5.Diz-se do que é válido para um só *sujeito* e que só a ele pertence, pois integra o domínio das atividades psíquicas, sentimentais, emocionais, volitivas, etc. deste *sujeito*. [Cf., nesta acepç., *objeto* (9).] 6.Filos. Que provém de um *sujeito* enquanto agente individual, ou coletivo. [Cf., nesta acepç., *objeto* (10).]

De acordo com o Dicionário de Língua de Dubois et. al. (2001), chama-se subjetividade a presença do falante em seu discurso. Dessas duas acepções podemos recortar duas palavras que são fundamentais na realização deste artigo: *sujeito* e *discurso*. Partiremos da noção que a subjetividade é marcada pelo sujeito do e no discurso. O sujeito será aqui compreendido não como um sujeito homogêneo, um ser centrado, unificado e dotado de

² Disponível em: < <http://200.225.157.123/dicaureliopos/login.asp>>. Acesso em: 10 jul. 2007.

razão, de consciência e de ação, tal como se preconizava no Iluminismo.(HALL, 2002). O sujeito será aqui tomado como múltiplo e incompleto, que é interpelado pela ideologia e submetido à linguagem.

O discurso que nos interessa não é aquele que é representado, por exemplo, pela teoria da comunicação em que há a transmissão de informações de um emissor para um receptor. O discurso será aqui visto como o lugar de mediação em que se pode traçar as relações entre língua e ideologia e que é um efeito de sentidos entre locutores, ou seja, o lugar onde o indivíduo se faz sujeito pelas marcas da subjetividade.

Um primeiro caminho que aponta a relação entre sujeito e discurso é traçado por Benveniste. Ele é considerado o pai dos estudos enunciativos ao incorporar a noção de subjetividade nos estudos linguísticos, ou seja, ele abre as portas para a entrada da noção de sujeito nas reflexões sobre as relações entre homem e linguagem, ajudando a começar o resgate do sujeito que fora antes excluído por Saussure dos estudos linguísticos. Temos em Benveniste a idéia de que “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na sua realidade que é a do ser, o conceito de “ego”. A “subjetividade de que tratamos aqui é a capacidade do locutor para se propor como sujeito.” (BENVENISTE, 1989: 286).

É a língua que fornece ao falante a estrutura linguística, a estrutura forma,l que permite o funcionamento da subjetividade. São os pronomes, figuras gramaticais, que carregam as marcas de personalidade no discurso e são eles os responsáveis pela subjetivação da enunciação³.

Nesse processo, emergem os índices de pessoas, eu e tu, que são produtos da enunciação, ou seja, o eu é o indivíduo que profere e deve então ser responsabilizado pelo dizer e um tu, um indivíduo a quem se destina o dizer. Esses indivíduos linguísticos nascem da enunciação e é nela que têm significação. As formas *eu* e *tu* devem ser vistas, nas palavras de Benveniste, como formas linguísticas que indicam a “pessoa”. O eu remete a algo singular que designa o locutor e que só pode ser identificado na instância de discurso em que é proferido.

³ Sobre o papel dos pronomes, nos deteremos na segunda parte deste trabalho.

Deve-se observar que, embora o tu seja indispensável, na relação interlocutiva é o eu quem define o tu. A enunciação vista como ato individual de colocar a língua em funcionamento, de transformá-la em discurso fica, na perspectiva de Benveniste, limitada ao espaço do subjetivo e do individual. “É na instância de discurso na qual eu designa o locutor que este se enuncia como “sujeito”.(p. 288). Ainda, “ cada um fala a partir de si” (p.101).

Mas não nos interessa essa concepção de sujeito. Interessa-nos, para este trabalho, a idéia de Benveniste de que o sujeito ao falar, fala-se, revela-se. Para construir a noção de sujeito é em Pêcheux (1995) e Orlandi (1988, 2005) que encontramos abrigo. A dimensão individual e subjetiva atribuída por Benveniste ao discurso, e por conseguinte ao sujeito produtor desse discurso, é contestada pela Análise de Discurso de linha francesa que vai trabalhar com a concepção de sujeito incompleto e heterogêneo.

De acordo com Orlandi (2005), na Análise do Discurso não vigora a noção psicológica de sujeito empiricamente coincidente consigo mesmo, ainda que o sujeito discursivo seja pensado como posição entre outras, “Não é uma forma de subjetividade mais um “lugar” que ocupa para ser sujeito do que diz.”(p.49). Um mesmo indivíduo assume diferentes posições em função das diferentes situações discursivas em que estiver inserido. Nesse sentido, o vínculo sujeito, história e ideologia são constitutivos “Os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam “na linguagem” as formações ideológicas que lhes são correspondentes.” (PÊCHEUX, 1995:161). A formação discursiva é definida como aquilo que, numa formação ideológica, determina o que pode e o que deve ser dito. Assim, as palavras recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas. Em Orlandi (1988) encontramos a afirmação de que a formação discursiva é o lugar de constituição de sentidos e da identificação do sujeito. Nela o sujeito se reconhece na sua relação com os outros sujeitos e consigo mesmo.

Orlandi (1988) também afirma que a noção de sujeito por ela empregada deriva da concepção que vê na linguagem uma forma de interação entre homem e realidade natural e social. Assim, tudo aquilo que se diz não é de domínio do locutor, pois é determinado pelas condições

em que o discurso se produz e também se relaciona como os outros dizeres, postos em outros lugares. “Eu diria: o dizer tem sua história.” (ORLANDI, 1988: 11).

Chamando a atenção para o fato de que as posições eu/tu são reversíveis na linguagem, Orlandi (1988) critica as noções que extremizam as relações eu/tu, supervalorizando o papel do outro, já que para a autora isso deixa de lado a multiplicidade inscrita no próprio sujeito e diz: “[...] o sujeito é múltiplo porque atravessa e é atravessado por vários discursos, porque não se relaciona mecanicamente com a ordem social da qual faz pares, porque representa vários papéis.” (ORLANDI, 1988: 11). Isso nos ajudará a compreender porque o sujeito professor de língua portuguesa ao falar de sua prática não o faz enunciando somente um eu. Ele carrega no seu dizer as marcas constitutivas de sua alteridade e de sua multiplicidade.

3 Os pronomes na língua: quando o eu interpela o outro

Benveniste (1989) afirma que qualquer língua que possui verbo constitui seu modelo de conjugação a partir das categorias de pessoa, denominadas de “pessoas gramaticais”. Há três pessoas: a primeira pessoa, aquela que fala; a segunda pessoa, aquela com quem se fala; e a terceira, a de quem se fala.

Segundo Benveniste,

[...] os pronomes não constituem uma classe unitária, mas espécies diferentes segundo o modo de linguagem do qual são signos. Uns pertencem à sintaxe da língua, outros são característicos daquilo que chamamos de ‘instâncias do discurso’, isto é, os atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em forma de palavra pelo locutor (BENVENISTE, 1989: 277).

Levando em consideração que, de acordo com Benveniste, podemos denominar de “pessoa” apenas aqueles que são participantes ativos de um ato de enunciação, a noção de personalidade só pode ser carregada por *eu* e *tu*, o pronome *ele* não é portador do *status* de “pessoa”.

Para Benveniste (1989), o *nós* corresponde a uma junção do *eu* e do *não-eu*, visto que não se poderia pensar que o *nós* seria um *eu* multiplicado, já que “Cada *eu* tem sua referência própria

e corresponde cada vez a um ser único, proposto como tal.” (p.278). Lembremo-nos também que essa noção de sujeito uno é contestada pela Análise do discurso e não funcionará neste artigo.

Passemos agora a ver quais são as marcas de subjetividade e como o sujeito insere o outro em seu dizer. Para isso, primeiramente são necessárias algumas delimitações sobre como chegamos às sequências discursivas que constituem o *corpus* de análise.

Para constituir nosso *corpus*, colocamos em ação o exercício de escuta e entrevistamos professores de língua portuguesa. Os professores sujeitos deste trabalho são profissionais que atuam em escolas da rede estadual de ensino de Santa Catarina, em municípios que compõem a Gerência de Educação, Ciência e Tecnologia Chapecó/SC. Para a coleta de dados⁴ foi utilizada a entrevista como ferramenta metodológica. Na entrevista, as perguntas foram feitas oralmente e as respostas gravadas. A entrevista foi formada por um conjunto de questões, enunciadas em forma de pergunta tendo como objetivo ouvir o que o professor tem a dizer sobre o seu fazer em sala de aula. Assim, as sequências discursivas são parte de um discurso, de um dizer sobre a prática que teve como contexto imediato essa situação de entrevista. Deve-se então considerar que os entrevistados estavam em um contexto discursivo em que o sujeito pode acionar suas formações imaginárias que evocam as relações de poder entre os interlocutores no processo discursivo e ter posto em cena o esquecimento número dois que é parcial e semiconsciente, em que o sujeito tem ilusão de que controla o seu dizer. “Há uma seleção feita pelo falante, em relação aos processos de produção de uma língua determinada, em que ele vai delimitando o que diz e, conseqüentemente, excluindo o que seria possível dizer naquela mesma situação.” (ORLANDI, 1988:10). Para chegar à seleção das sequências, tomamos como ponto de partida a localização das regularidades que marcam as formas de referência ao sujeito no processo discursivo. Vejamos então como os sujeitos⁵ deste trabalho, ao falar de sua prática, se enunciam de diferentes formas: *eu, nós, você, ele*:

⁴ Dados coletados para a execução do projeto “Concepções teórico-metodológicas que norteiam o ensino de línguas”, realizada pelo Grupo de Pesquisa Estudos Linguísticos e Literários, da Unochapecó, SC, no ano de 2006, financiada pelo Balcão de Projetos com recursos da Unochapecó e bolsa de pesquisa do Artigo 170- lei estadual- SC.

⁵ Os sujeitos serão identificados da seguinte forma no final de cada sequência: P significa professor e o número que o segue é para tão somente marcar que se tratam de sujeitos diferentes: 1, 2, 3 etc. Para fins deste trabalho não traçamos um perfil destes sujeitos, uma vez que neste momento nos interessa analisar como as marcas linguísticas marcam a subjetividade no discurso.

(1) [...] *Eu* acho que a leitura é fundamental. A leitura, a preparação dos conteúdos, principalmente literatura, onde *eu* atuo, exige bastante preparação enquanto leitura. Mas *eu* acho muito importante também, ouvir o aluno. Não adianta ficar planejando muito e chegar na aula com tudo “prontinho” para o aluno, não é por aí. *Nós* temos que estar discutindo com as crianças, vendo o que elas esperam da escola e não só aquilo que o professor traz pronto. Não adianta querer trabalhar aquele conteúdo que muitas vezes não é do interesse das crianças. O planejamento é importante porque *você* tem intenções com a *tua* aula, porque não existem elaborações de conceitos espontâneos, eles são sempre com intenção na tua aula. [...] (P 1)

Em (1), para iniciar seu dizer, o sujeito-professor enuncia-se como *eu*. Segundo Benveniste (1989), esse *eu* designa o locutor, aquele que se enuncia como sujeito. Podemos aqui tomar o que Pêcheux (1995) chama de esquecimento número um, segundo o qual o sujeito tem a ilusão de ser a origem do que diz. O esquecimento número 1 “dá conta do fato de que o sujeito falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina.” (p. 173). Nas palavras de Authier-Revus (1990), o *eu* tem um papel indispensável na reconstituição da imagem de um sujeito autônomo, anulando o decentramento real.

Podemos observar que na sequência (1) o sujeito emprega o pronome *eu* ao fazer referência a questões bem específicas de sua prática, de seu trabalho, neste caso, com a leitura. Tem regularidade nesta sequência o uso do verbo *achar*, empregado no sentido de *pensar* (Eu penso que a leitura...) que também pode ser entendido como um conjunto de crenças sobre o fazer em sala de aula. Ao dizer “*Eu acho que a leitura é fundamental*” e “*Mas eu acho também muito importante ouvir o aluno*”, os dois empregos do verbo *achar* ajudam a revelar duas crenças desse fazer: a importância da leitura e a importância do ouvir o aluno em sala de aula. Não podemos deixar de observar o emprego da conjunção *mas* na costura do processo discursivo. Tradicionalmente o *mas* é definido como uma conjunção que pode ter dois valores: como adversativa ao introduzir na sequência um argumento contrário ao que foi antes apresentado e como aditiva ao encadear outros argumentos que reforçam a argumentação. Como não tratamos aqui de análise de argumentação e sim de efeitos de sentido do e no discurso, podemos dizer que o emprego do *mas* em (1) revela uma tentativa de controle sobre os sentidos do seu dizer em que temos os dois efeitos: de adversidade e de adição. De adversidade porque o sujeito falante, ao enunciar o que antecede o *mas* percebe que seu dizer pode ser compreendido com um sentido diferente daquilo que o pretendia, porque ao dizer “*A leitura, a preparação dos conteúdos,*

principalmente literatura, onde eu atuo exige bastante preparação enquanto leitura” o sujeito P1 julga que seu interlocutor pode acionar a imagem de que como professor, por ter que “preparar os conteúdos” e que estes exigem “bastante na preparação”, ele seja autoritário ou ditador: aquele que determina tudo o que se faz em sala de aula. Para evitar isso, o emprego de *mas* ajuda a introduzir a idéia de que apesar de ele (professor) ser o responsável pela organização da aula também abre espaço para ouvir o que os alunos têm a sugerir. Assim, o sujeito aciona o esquecimento número 2 que é da ordem da enunciação (ORLANDI, 2005), ele é um esquecimento parcial e semiconscente em que o sujeito tem a ilusão de controlar os sentidos de seu dizer.

Para dar continuidade ao discurso, o sujeito-professor apresenta-se como *nós*⁶. “Nós temos que estar discutindo com as crianças, vendo o que elas esperam da escola e não só aquilo que o professor traz pronto”, o pronome *nós* marca a chamada do outro na constituição do dizer, ou seja, dos outros professores, e que funcionam como testemunhas que compartilham dos saberes advindos de uma mesma formação discursiva: a de ser professor de língua portuguesa. Ao enunciar *nós*, o professor fala a partir de *eu* que compartilhada do mesmo dizer que os não-eus. Esses outros são regulados por uma mesma formação discursiva, aquela que os autoriza a falar sobre a prática em sala de aula e que determina o pode e deve ser dito, nas palavras de Pêcheux (1995).

Para Eckert-Hoff (2002), o uso do *nós* não reporta apenas ao sujeito-professor que se enuncia. “Ao enunciar *nós* e *você*, o sujeito busca o outro, bem como todos os professores como aliados de seu dizer.” (p.102). Assim, para a autora, o professor pede a concordância, um compartilhamento de responsabilidades.

Ao enunciar “*O planejamento é importante porque você tem intenções com a tua aula*”, o sujeito põe em ação o outro pelo emprego do *você*. Não se trata aqui de outro sujeito, uma segunda pessoa do discurso, trata-se sim de uma referência a ele mesmo, sua alteridade instalada no discurso. Esse outro, para Eckert-Hoff (2002), é um *outro-eu*. E isso reaparece nas seguintes seqüências discursivas em que o sujeito-professor enuncia-se pelo *você*:

⁶ Para fins deste trabalho, consideraremos como equivalentes as formas pronominais *nós* e *a gente*. No entanto, parece ser este um bom tema para uma outra análise.

(2) [...] Tem todo um caminho, porque trabalhar de 1ª a 4ª é uma coisa, de 5ª a 8ª é outra e de ensino médio também é outra, são três áreas totalmente diferentes, *você* tem que saber como chegar lá. Às vezes *você* trabalha um conteúdo e vê que não é interessante [...] (P2)

(3) [...] A *gente* entrou na faculdade pensando que ia aprender isso, nós vamos trabalhar isso e vamos fazer aquilo. Na verdade o que as faculdades fazem é dar a teoria e *você* tem que buscar. Mas⁷ *eu* penso que se fosse conciliar a teoria com a prática, talvez isso poderia melhorar a formação do professor. [...] (P2)

(4) [...] Então *eu* vejo que é tudo um processo, um processo de estudos, de conteúdos que *você* precisa ter acesso para se desenvolver, para crescer na vida, mas muitas vezes se vão, se perdem com o tempo pela própria forma como se processa o conhecimento. Porque a vida da gente vai mudando, os conhecimentos vão se transformando. [...] (P1)

(5) [...] *Eu* planejo todo dia para saber o que *eu* vou trabalhar. Mas não é sempre que *você* leva um conteúdo para a sala e os alunos se interessam, às vezes tem que mudar um pouco, ver o que os alunos acham interessante. [...] (P3)

Nessas sequências é possível reconhecer a força subjetiva da forma pronominal *você*⁸ que discursivamente enuncia o *eu*. O sujeito traz o outro no seu dizer porque o outro é sempre constitutivo do *eu*. Assim, o professor revela a heterogeneidade que é constitutiva do sujeito e assim de sua própria identificação.

Podemos observar que em (2) ao dizer “Às vezes *você* trabalha um conteúdo e vê que não é interessante [...]”, linguisticamente poderíamos substituir *você* por *eu* e teríamos uma forma equivalente, refazendo-se somente a concordância : Às vezes *eu* trabalho um conteúdo e vejo que não é interessante, no entanto, isso não funciona no nível do discurso pois devemos considerar que o efeito discursivo de *você* é o de revelar o outro constitutivo do sujeito, um outro que pode funcionar como o interlocutor de si mesmo: o professor fala de si para si e assume para isso a voz de um outro, revelado na segunda pessoa *você*.

Em (3), temos uma sequência em que aparecem simultaneamente: A *gente* entrou na faculdade.. *nós* vamos trabalhar ...e *você* tem que buscar. Mas *eu* penso que... em que o sujeito faz um percurso discursivo em que sai de um *a gente* que parece equivaler a um sujeito genérico (*eu*,

⁷ MAS: tem aparecido como uma regularidade, merecerá mais atenção em outros trabalhos.

⁸ Podemos lembrar de uma questão: a gramática tradicional classifica o pronome *você* como um pronome de tratamento e não como uma pronome pessoal. Segundo Maria Helena de Moura Neves (2003), *Você*, pelo seu uso no português brasileiro, atende as funções básicas dos pronomes pessoais: **função interacional**: representar na sentença os papéis do discurso, função que remete à situação da fala; **função textual**: garantir a continuidade do texto, remetendo a elementos do próprio texto.

você, nós), enuncia-se por *nós* (eu mais os outros), segue com *você* (o outro que sou eu) e termina com *eu* (o sujeito do dizer). Temos em “*Mas eu penso que se fosse conciliar a teoria com a prática, talvez isso poderia melhorar a formação do professor*” a revelação de uma outra crença que povoa o imaginário do professor e que é recorrente nos discursos sobre a formação: a relação entre teoria e prática nos curso de formação.

Temos em (4) “Então eu vejo que é tudo um processo, um processo de estudos, de conteúdos que você precisa ter acesso para se desenvolver” mais um exemplo de como o sujeito transita pelos pronomes eu e você marcando sua heterogeneidade. Ao enunciar “eu vejo”, mostra-se outra crença do professor: a de aprendizado como processo.

Para fechar esse bloco de sequências, observamos que em (5) ao dizer “Eu planejo todo dia para saber o que eu vou trabalhar. Mas não é sempre que você leva um conteúdo para a sala e os alunos se interessam”, há novamente a transição (deslize como chama Eckert-Hoff (2002)) de pronomes: do eu para você, tal como aparecia em (4). O eu novamente é usado para se referir a uma crença do sujeito (aprendizado como processo) e a um ponto particular de um fazer: o planejamento diário do trabalho. É curioso observar que em (5) o sujeito parece querer marcar sua subjetividade pela repetição do eu, deixando atender que esta seria um característica talvez não compartilhada pelos outros professores, já ele não tem como afirmar “nós planejamos todos o dia” e se responsabilizar pela prática do outro. Temos aí um movimento interessante: o sujeito convoca o outro no seu dizer mas parece não querer fazer o mesmo e responsabilizar-se pelo outro.

Além de se enunciar como *eu*, *a gente*, *nós* e *você*, encontramos outra regularidade que marca a fala dos professores. Com um efeito similar ao uso do *você*, temos o uso da terceira pessoa *ele* e do nome *professor*, como formas de falar de si:

(6) [...] Por isso o *professor* tem que saber por onde anda, mas *ele* também tem que conciliar isso com ouvir o aluno, esperar para ver se ele tira o que espera da escola, a partir disso trabalhar um conteúdo específico. [...] (P1)

(7) [...] Talvez trabalhar com o próprio aluno, mas trabalhar também com o *professor*, já que hoje existe muito desestímulo por parte do professor. *A gente* vê no dia-a-dia que muitos dizem “Ah, eu tô cansado!” e com esse desestímulo pouco adianta. [...] (P2)

(8) [...] Todos os *professores* têm que seguir o projeto desenvolvido pela escola. Por exemplo, agora *nós* estamos trabalhando o projeto “Virtudes”. Cada *professor* discute com os alunos e no final tem a feira com os resultados do projeto. Cada professor discute com os alunos e no final tem a feira com os resultados do projeto.

E⁹- E quais são as atividades que você tem desenvolvido com seus alunos sobre este projeto?

P- *Eu* levo alguns textos que têm a ver com os assuntos e eles discutem. [...] (P4)

Podemos perceber que nas sequências acima, o pronome *ele* não representa o terceiro do discurso (sobre o que se fala). É uma outra forma de o sujeito-professor se enunciar e isso é possível porque ao falar do outro, ele e professor, fala de si. Não é demais repetir: se pode falar do outros para falar de si, pode-se falar de si para falar de outros e pode-se falar de si para falar de si. (ORLANDI, 1988, p. 15).

Um bom exemplo que mostra como o *ele* fala do *eu* está nas sequências (1) e (6) que encadeiam o discurso de P1. Temos em (1) “*Mas eu acho muito importante também, ouvir o aluno*” e em (6) “*Por isso o professor tem que saber por onde anda, mas ele também tem que conciliar isso com ouvir o aluno*”, o sujeito-professor enuncia-se como *eu* e como *ele* para falar sobre a importância de ouvir o aluno.

Temos em (7) “*Talvez trabalhar com o próprio aluno, mas trabalhar também com o professor, já que hoje existe muito desestímulo por parte do professor*”, em que o emprego do nome professor parece fazer referência a um terceiro do discurso, mas o encadeamento da sequência nos ajuda a perceber novamente a imagem do *eu*, já que sempre que o sujeito-professor fala, o faz a partir da formação discursiva de ser professor de língua portuguesa, que *inclui eu, você, nós, a gente* e os outros professores. Ao dizer “*A gente vê no dia-a-dia que muitos dizem “Ah, eu tô cansado!” e com esse desestímulo pouco adianta*”, temos um movimento discursivo que chama a atenção. Quando o sujeito diz que “*a gente vê muitos que dizem..*” o efeito de sentido pretendido parecer ser o de que o emprego de muitos faça referência aos outros e não ao eu: São os outros que dizem e não sou eu quem diz. Mas o deslize que revela o *eu* vem no uso do discurso direto livre em que um narrador reproduz textualmente as palavras de um personagem: “*muitos dizem “Ah, eu tô cansado!”* o professor de língua portuguesa reproduz textualmente as

⁹ E- entrevistador

palavras de outro professor de língua portuguesa. Podemos perguntar: há nessa sequência um narrador e um personagem? Ou seriam essas as posições de um mesmo sujeito que a dá voz a um outro constitutivo para falar de si? Dando voz a um outro professor, o sujeito pode revelar o descontentamento e cansaço do *eu*.

Para finalizar esse quadro de análises, temos em (8) um exemplo do movimento discursivo que mostra como o nome *professores*, atravessado por um *nós*, chega ao *eu*: “*Todos os professores têm que seguir o projeto desenvolvido pela escola. Por exemplo, agora nós estamos trabalhando o projeto “Virtudes. Eu levo alguns textos que têm a ver com os assuntos e eles discutem.* Esse movimento só é possível porque o sujeito-professor subjetiva-se pelo outro. Sua identificação é marcada pela alteridade e pela heterogeneidade.

Coracini (2003) aponta que a identidade permanece sempre incompleta, sempre em processo, em (trans)formação. Toda a identificação só acontece porque encontra alguma resposta no interior do sujeito “é preciso entendê-la não como resultado de uma plenitude ou da completude ilusória de um sujeito indiviso, mas de uma “falta”: falta de inteireza que procuramos preencher sem jamais conseguir, a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros: sei quem sou em relação com o outro que eu não posso ser” (p.243). A autora chama atenção para a hipótese de que o professor é atravessado por uma multiplicidade de vozes que tornam sua identidade complexa, heterogênea e em mudanças, sendo que só é possível capturar momentos de identificação. Assim, podemos dizer, que no desejo de completude o sujeito evoca o outro e assim ocupa vários lugares no seu discurso, e esses lugares marcam as posições-sujeito desse professor.

4 Concluindo

Esse exercício de escuta, que se materializa linguisticamente neste artigo por meio de gestos de interpretação, permitiu-nos ver como o sujeito-professor de língua portuguesa é constituído por vários outros. No seu dizer encontram abrigo e dão-lhe força as vozes que vêm dos outros. São outros que compartilham da mesma designação: são professores de língua

portuguesa e se manifestam em formas linguísticas: *eu, você, a gente, nós, ele* e por meio delas dão subjetividade ao discurso. Marcam o homem na língua.

Nas sequências que analisamos tentamos mostrar que os movimentos discursivos e que a transição de pronomes revelam os caminhos do eu. Assim, numa reescrita nada original, mas útil no momento, podemos dizer que “ todos os caminhos levam ao eu”. O sujeito para falar de sua prática precisa do outro. É pelo outro que ele pode se falar e é com o outro que compartilha do dizer.

5 Referências

- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. “Heterogeneidade(s) enunciativa(s)”. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, n. 19, p. 25-42, jul./dez. 1990.
- BENVENISTE, Emile. *Problemas de linguística geral I*. 3. ed. Campinas: Pontes, 1989.
- CORACINI, Maria José. Subjetividade e identidade do (a) professor (a) de português. In: CORACINI, Maria José (org.). *Identidade e discurso*. Campinas: Editora da Unicamp; Chapecó: Argos Editora Universitária. 2003.
- DUBOIS, Jean. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 2001.
- ECKERT-HOFF, Beatriz Maria. *O dizer da prática na formação do professor*. Chapecó: Argos, 2002
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2003.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: FUCAMP - Fundação de Desenvolvimento da UNICAMP, 1995.
- ORLANDI, Eni. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes, 2005.
- _____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____. A incompletude do sujeito e quando o outro somos nós? In: ORLANDI, E. et al. *Sujeito e texto*. Cadernos PUC, São Paulo: Unicamp, 1988, p 6-16.